

Mailson fala da multiplicidade de interesses dos credores

por Tom Camargo
de Londres

Mesmo que o Plano Brady tenha menor sucesso do que é esperado e desejado, as relações entre países devedores e seus credores já estão embicadas para um novo "modus operandi", o qual necessariamente envolverá a obtenção de "waivers" (ou concessões especiais, fora da letra de um acordo original) junto a um bloco ou blocos de bancos comerciais e/ou governos, sem prejuízo de acertos anteriores feitos com outros credores.

Em rápida passagem por Londres, na quarta-feira, de volta do encontro anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento em Amsterdã e a caminho de um encontro de países latino-americanos em Paris, o ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, disse que "os credores não são um grupo com um interesse único... para alguns, ver seus títulos recomprados pelos devedores é melhor; para outros, é mais interessante uma capitalização de juros; outros preferem o uso de uma taxa fixa de juro usada no longo prazo; outros têm grande interesse na conversão em investimento". Para o ministro, os países devedores devem levar is-



Mailson Ferreira da
Nóbrega

so em conta quando negociarem, identificando, por exemplo, um bloco homogêneo de credores (ele mencionou especificamente os alemães) e nele se concentrando para obter as melhores vantagens mútuas.

"Não estou propondo nada parecido com o fim do comitê de bancos", sublinhou, observando que o aparato negociador já existente permite cortes e a implantação de novas idéias.

Mailson, que visitou o ministro da Fazenda britânico, Nigel Lawson, e o governador (presidente) do Banco da Inglaterra (Banco Central), Robin Leigh-Pemberton, disse que o primeiro enfatizou o fato de

que o governo Thatcher está estudando formas de melhorar a rede de isenções fiscais para instituições financeiras envolvidas com o Terceiro Mundo, de forma a pavimentar o caminho para algumas das idéias rascunhadas pelo Plano Brady.

O outro interlocutor do ministro da Fazenda, o governador do Banco da Inglaterra, disse a ele, no "tête-à-tête", o que viria a repetir, pouco mais tarde, ainda na quarta-feira, para os participantes de um seminário sobre problemas latino-americanos.

Segundo Leigh-Pemberton, as propostas implícitas no Plano Brady deveriam ser desenvolvidas o mais rapidamente possível e um fator importante a permeá-las seria a necessidade de que todos os envolvidos dividissem os sacrifícios necessários, os devedores adotando reformas econômicas profundas e os credores absorvendo as desvantagens de programas de amortização menos vinculados às condições de mercado.

Para Mailson, "o Brasil está disposto a se sacrificar, enfrentando reformas como a liberalização de seu comércio, a importações elevadas, com um crescimento baseado no consumo de importações". O ministro acha que vai uma gran-

de distância entre a retórica da reforma e a maneira como suas vantagens são distribuídas.

A interpretação de Mailson sobre o Plano Brady, após um estendido fim de semana de convivência com devedores e credores, passa pelo que ele descreveu como "generalizado sentimento de cautela, muita cautela".

Mas como este aparente banho-maria ficaria "vis-à-vis" o sentido de emergência que marca a atual situação financeira latino-americana?

"Algo de concreto tem de ser feito com presteza... há um sentimento de frustração na América Latina... o ajustamento, para muitos, foi longe demais (...) se não houver reação rápida, capaz de estabelecer propostas práticas, eficazes, a situação pode encaminhar-se para a deterioração social, capaz de levar a uma instabilidade explosiva", acredita o ministro.

Na frente da economia doméstica, Mailson condenou a recorrente especulação feita pela imprensa sobre o realinhamento dos preços e salários e disse estar satisfeito com o que foi obtido até agora. Sua preocupação, no momento, seria encontrar uma boa forma de manejar itens como a taxa de juro, a política salarial e a política cambial.